



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

OS ARQUÉTIPOS FEMININOS E MASCULINOS NO CONTO *OS DOZE IRMÃOS*, DOS IRMÃOS GRIMM

Janeide Dias Vieira

.Escola de Ensino Fundamental José Souto. Janeide1dv@hotmail.com

Resumo: Os paradigmas ideológicos acerca dos arquetípicos feminino e masculino estão configurados num tempo pretérito imemorial. Algumas narrativas infantis, sobretudo os contos de fada, tem em relevo estes modelos de representação do ser humano: ao feminino confere-se submissão e obediência, atitudes que no porvir serão compensadas com o “felizes para sempre” ao lado do príncipe, que é a modelagem do masculino representada pela heroicidade. O corpus deste trabalho alicerça-se em destacar na narrativa *Os Doze Irmãos* – conto dos Irmãos Grimm, a presença destas configurações em quatro das personagens da narrativa. Nosso olhar não terá por base a preocupação em discorrer sobre as questões sócio-políticas de igualdade. Mas, de referenciar como a arte, sobretudo a literatura, capaz de retratar as configurações das relações humanas. Para tal, recorreremos à contribuição de Jung e de seus discípulos, trabalhando com o conceito de arquétipo.

PALAVRAS-CHAVE: Arquétipos, feminino, masculino, Irmãos Grimm.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil, mesmo que ainda não tenha alçado sua merecida posição no mundo acadêmico, apesar dos vários esforços para validar seu valor estético, faz jus concomitante a literatura, ao que assevera Coelho (1987): “em ser um verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte”.

Nessa perspectiva, a produção literária infantil representa e expressa as mais diversas experiências humanas, pois como destaca (IDEM, 1987, p. 10) “é, ela antes de tudo literatura; ou melhor é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/ impossível realização...”.

Os contos de fada, como um dos elementos de representação artística da literatura infantil, destaca em torno da manifestação do feminino uma natureza de obediência e submissão vivida na face da princesa, afixando ao masculino a heroicidade vivida pelo príncipe. Essas representações que unem o “real” e o imaginário trazem os arquétipos de gêneros, assimilados, ainda hoje, na sociedade atual.

Não estaremos através desse estudo criando um espaço de demérito a essas representações, embora se entenda que no seio dessas muito dos desrespeitos entre os seres humanos, sobretudo no que confere as diferenças de gênero, residam no fato dessas dissensões darem margem para um lado subjugar o outro, longe de serem vividas como complementariedade. Fixaremos nosso objetivo em destacar na obra de Jacob e Wilhelm Grimm, no conto fantástico *Os Doze Irmãos*, os paradigmas ideológicos dos arquetípicos feminino e masculino, trazendo sobretudo a contribuição de Jung e de seus discípulos.

A obra sobre qual debruçaremos nosso olhar começa com a descrição de um arranjo de uma família real, numerosa, constituída por doze filhos. A eminência de uma grande tragédia naquele clã foi anunciada pelo próprio patriarca, o Rei. Segundo este, caso sua rainha tivesse como seu décimo terceiro descendente uma menina, todos os outros filhos seriam sacrificados. A rainha tentou dissuadi-lo, em vão. Para o monarca não havia possibilidade de convivência entre os doze filhos e uma possível menina.

A soberana, por não suportar tamanha tragédia, contou a um dos filhos a intenção do rei, e pediu que eles fugissem para a floresta, se por ventura ela parisse uma menina. Segundo a rainha, caso ela tivesse um menino, uma bandeira de cor branca subiria em aviso para eles. E caso fosse uma menina, seria uma de cor vermelha, e nesse caso a fuga seria a única saída.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O que deveras acontece. Eles fogem e se prometem nunca mais voltar e serem vigilantes na floresta: a qualquer presença de uma menina, esta deveria morrer sem dó.

Ao crescer a menina descobriu a existência dos irmãos e o motivo deles terem fugido, o que a impeliu procurá-los. Entrando na floresta onde eles viviam, ela chegou à caverna onde eles se abrigavam. Descoberta por um dos irmãos que na ocasião cuidava dos afazeres domésticos, negociou a preservação de sua vida, na condição de se tornar a cuidadora de todos. O que foi aceito.

Um dia, depois de realizar seus trabalhos de cuidadora, a menina saiu a passear pela floresta e chegou a um lugar onde havia doze lindos lírios brancos. A beleza dos lírios fomentou seu apetite e ela resolveu comê-los. Logo após a ingestão das flores, surgiu uma senhora que a informou que os lírios representavam seus doze irmãos, que com sua atitude se transformaram em doze corvos e que estariam perdidos para sempre. A menina desesperada perguntou o que seria possível fazer para quebrar aquela maldição. A senhora respondeu que seriam necessários doze anos de silêncio. Em adesão imediata ao sacrifício a menina sentou-se num alto de uma árvore e começou a fiar, a fim de passar os doze anos de silêncio e salvar os irmãos.

Será nesse tecido marcado de submissão e obediência do feminino, e pelo poder e a autoridade do masculino, que empreenderemos nosso estudo.

2 OS ARQUÉTIPOS E AS CONFIGURAÇÕES DO FEMININO E MASCULINO

Os arquétipos são representados pelas imagens primordiais herdadas pelo homem e concentradas no inconsciente coletivo, devido às recorrências que foram registradas na psique durante a história da humanidade. Para Jung (1993, 67) “o arquétipo é uma tendência para formar [certas] mesmas representações de um motivo – representações que podem ter inúmeras variações de detalhe – sem perder a configuração original”. Nesse sentido, ao



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pensamos nas representações do masculino e feminino na história, certamente iremos referendar a esses modelos a denominação de arquétipos.

Destarte discorrer sobre as questões de perfil masculino e feminino, nos imputa buscar aporte teórico em Jung e seus discípulos. Logo, na teoria jungana, o modo de ser do feminino e do masculino é complementar. Essa concepção afiança traços do feminino no masculino, bem como o contrário. É através do conceito de *anima* e *animus*, arquétipos abordados por Jung, que ele elucida essa conjunção da representação humana. Para o autor a anima seria “o elemento feminino que há em todo homem” (JUNG, 1977, p. 31), e *animus* seria a energia masculina influenciadora do inconsciente da mulher.

Há certamente a necessidade de se entender como a conjunção de representação do masculino e do feminino se define dentro da teoria de Jung. Corroborando para esse esclarecimento, Michelli (2013, p.3) assevera

Para Jung, o feminino (a parte consciente nas mulheres e inconsciente nos homens, a anima) é definido por atributos relacionados à emoção e aos sentimentos, à capacidade de amar, à receptividade ao irracional e ao inconsciente. O princípio feminino associa-se a forças que sugerem sensibilidade, imaginação, experiência intuitiva e lírica, instabilidade, introspecção, sonho e afeto, primado de Eros. [...] O masculino (a parte consciente nos homens e inconsciente nas mulheres, o animus) responde por atributos como lógica, objetividade, “capacidade de exercer o poder, de controlar situações e de defender posições” (JOHNSON, 1997, p. 38); o princípio masculino determina habilidades ligadas à ação, à competição e à conquista, ao poder de decidir e comandar, ao intelecto, primado do Logos.

Porém, essa configuração arquetípica realçada no bojo das relações sociais desvincula-se do caráter de complementariedade proposto por Jung. Sabe-se que há uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

lógica de demérito atribuída ao feminino, sobretudo nas sociedades de cultura patriarcal, que não tem conferido as forças que associam ao feminino, ao longo do tempo, o caráter que lhe compete. De modo que a heroicidade do masculino ganhou status de soberania, sendo usado ao longo da história para subverter o feminino.

Não somos somente nós na Europa que sofremos desse culto aos homens que sem dúvida ainda sobrevive, ou melhor, dessa supervalorização do masculino. Também na América, onde se costuma falar de um culto à mulher, a coisa no fundo não é diferente. (...) Em contrapartida, são pouquíssimos os homens que têm pouca consideração para com o próprio sexo; ao contrário, em geral eles se orgulham dele. (JUNG, 2006, p. 37)

Nos contos de fada as configurações dos arquétipos do masculino e feminino destacam os aspectos da *anima* e do *animus* proposto por Jung. Nessas narrativas, apesar da heroicidade estar para o masculino dentro da maior parte dos enredos, não é incomum uma personagem feminina, obediente e submissa, ter uma atitude emancipatória revelando o animus, como energia influenciadora de sua ação, como também no entorno de uma atitude do masculino, é possível identificar em relevo aspectos *da anima*.

No conto *Os Doze Irmãos* buscaremos identificar como o dinamismo da teoria dos arquétipos proposta por Jung se apresenta dentro da narrativa em quatro das personagens, a saber: o rei, a rainha, a menina e os irmãos.

3 A MARAVILHOSA PERENIDADE DOS CONTOS

No ano de 1812, recolhidas da tradição oral, chegaram ao público oitenta e seis contos de fadas, compilados em um só volume pelos os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm. Era o início de uma das obras mais significativas da literatura e toda a cultura alemã, embora não fosse naquele momento a intenção de seus autores. Os trabalhos dos Grimm continuaram, de modo



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que a compilação de outras histórias, mais a supressão de algumas daquela primeira edição, deram origem a várias edições, sendo em 1857 a última lançada por eles, que registrava um total de 211 peças.

O trabalho dos Irmãos Grimm marca um êxito internacional, notável. A obra está presente em praticamente em todos os países do mundo, ocupando o primeiro lugar entre os livros alemães mais traduzidos.

Apesar desse reconhecimento, Mazzari - na apresentação da edição comemorativa do bicentenário da obra dos Irmãos Grimm – realça que não há um termo correspondente em nenhum dos idiomas que receberam essas narrativas para designar o gênero. No alemão o termo *Marchen*, que significava notícia, mensagem ou relato, representava um acontecimento importante que merecia ser registrado, o *designa*. Na língua portuguesa a obra dos irmãos Grimm foi nomeada pelos termos contos de fada, contos da carochinha, ou “contos maravilhosos”.

Segundo Mazzari, o título *Kinder - und Hausmarchen*, que pode ser traduzido por “Contos maravilhosos infantis e domésticos” é explicado por Wilhelm Grimm em 1819, num ensaio com os seguintes argumentos:

Contos maravilhosos são narrados para que a luz suave e pura os primeiros pensamentos, as primeiras forças do coração despertem e vicejem; uma vez, porém, que sua singela poesia, sua íntima verdade pode alegrar e instruir todo e qualquer ser humano e, ainda no círculo familiar, eles também são de contos maravilhosos domésticos. (GRIMM, 2012, p.13)

Para o apresentador desta edição, se esta explanação de Wilhem Grim não influenciou consubstancialmente a historia do gênero, a própria obra ratificou no espaço linguístico



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Alemão o conceito de Marchem, e este conceito corresponde de forma irremediável ao nome Grimm.

Se não há clareza acerca do significado do termo cunhado para designar o gênero, o certo é que esse resgate histórico embora lacônico evidencia

Quer entendamos um conto de fadas cultural, cognitiva ou espiritualmente – ou de outras maneiras, como quero quer –, resta uma certeza: eles sobreviveram à agressão e à opressão políticas, à ascensão e à queda de civilizações, aos massacres de gerações e a vastas migrações por terra e mar. Sobreviveram a argumentos, ampliações e fragmentações. Essas jóias multifacetadas têm realmente a dureza de um diamante, e talvez nisso resida o seu maior mistério e milagre: os sentimentos grandes e profundos gravados nos contos são como o rizoma de uma planta, cuja fonte de alimento permanece viva sob a superfície do solo mesmo durante o inverno, quando a planta não parece ter vida discernível à superfície. A essência perene resiste, não importa qual seja a estação: tal é o poder do conto. (ESTÉS, 2005, p. 11-2)

Essa perenidade do conto coloca em cheque os pseudo significados atribuídos ao gênero, como: histórias de entretenimento destinado a infância; literatura “menor”; literatura pueril. Vários são os estudos que apontam para importância desse tipo de literatura. Pesquisas na Psicologia Analítica informam que os dramas relatados nessas histórias dialogam com diferentes temas existenciais. Para Battheim, o enredo dessas histórias “confronta a criança honestamente com os predicamentos humanos básicos”(BETTELHEIM, 1980, p.15). Essa assertiva do autor aponta para o caráter do arquétipo (segundo a teoria de Jung) presente no conto de fada. Destaca-se, coadjuvando com essa mesma abordagem, a seguinte assertiva:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Um conto convida a psique a sonhar com alguma coisa que lhe parece familiar, mas em geral tem suas origens enraizadas no passado distante. Ao mergulhar nos contos, os ouvintes reveem seus significados, 'lê- em com o coração' conselhos metafóricos sobre a vida da alma." (ESTÈS 2005, p.13)

Logo, estudar (ler, ouvir) o enredo dessas histórias pode "contribuir para o aprendizado da vida e para o desenvolvimento da percepção em assuntos de pequena ou de grande monta. O aprendizado e a percepção são responsáveis pela aquisição de uma consciência de significação"(ESTÈS, 2005, p.13). Nesse sentido, é o que esse estudo quer buscar identificar nessas narrativas uma ciência de como os arquétipos do masculino e feminino se apresentam nas personagens do conto em questão.

4 OS ARQUÉTIPOS FEMININO E MASCULINO EM *OS DOZE IRMÃOS*

Logo no início da narrativa o rei sentencia: "Se a décima terceira criança que você trouxer ao mundo for uma menina, vou mandar matar os outros doze." (Grimm, 2012, p.60). A sentença fatídica outorgada pelo rei aos filhos demonstra que nesta personagem o masculino não mostra traços da anima, há um aspecto do tirano se sobressaindo o lado sombrio do arquétipo do rei. Há uma escusa na fala do soberano à sua natureza reprodutora "a rainha traz os filhos ao mundo". Parece, na fala da sua majestade, que a procriação é uma ação individual e não dual, o que realça a falta de " atributos relacionados à emoção e aos sentimentos, à capacidade de amar, à receptividade ao irracional e ao inconsciente". (MICHELLI, 2013, p.3). Segundo Moore e Gillete (1993, p.63) "O Tirano explora e maltrata os outros. É cruel, impiedoso e insensível quando está atrás do que considera seu interesse pessoal. A sua forma de desagradar os outros não tem limites. Ele odeia toda beleza, toda inocência, toda força, todo talento, toda energia vital."

Na verdade, a figura do rei está associada ao defensor, o prudente, o provedor, associa-se a imagem do pai. Conforme assevera Régine Pernoud (1981, p.67). "O rei, colocado à



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cabeça da hierarquia feudal, como o senhor à cabeça do domínio e o pai à cabeça da família, é simultaneamente um administrador e um justiceiro. É o que simbolizam os seus dois atributos: o ceptro e a mão da justiça”. Num claro equilíbrio entre anima e animus. No conto em questão estas forças no rei estão em desarmonia, deixando o seu lado opressor patente, ou seja, é o agente da destruição, o tirano, revelando o lado torvo do arquétipo do rei.

Seguindo o desfecho da narrativa temos: A rainha tentou dissuadi-lo de todas as maneiras, mas o rei não quis saber [...]. A intervenção da soberana junto ao rei evidencia a emancipação de submissão e obediência atrelada a representação do feminino.

Essa atitude acusa que o animus na rainha, energia masculina influenciadora do inconsciente da mulher, está em harmonia elucidando que “o lado positivo do animus pode personificar um espírito de iniciativa, coragem, honestidade e, na sua forma mais elevada, de grande profundidade espiritual” e sabedoria, além de “poder lançar uma ponte para o self através da atividade criadora” (MARIE-LOUISE VON FRANZ, 1977, p.195-193). Nesse sentido, o lado cuidador, protetor, o aconchego, o ímpeto de tomar a defesa o outro está de forma patente na rainha, revelando o arquétipo da mãe. Conforme destaca Neumann (1968, p. 31) “Tudo o que é grande e envolvente e que contém, circunda, envolve, protege, preserva e nutre qualquer coisa pequena pertence ao reino maternal primordial”

Se rainha não conseguiu dissuadir o rei, também não desistiu do intento de salvaguardar a vida de todos os filhos. Para tal, procura o filho mais novo. A quem ordena: “Querido filho, fuja com seus onze irmãos para a floresta e não volte para casa. [...]. Se eu tiver um menino, vou içar uma bandeira branca, mas se for uma menina aparecerá uma bandeira vermelha neste caso, fujam mundo afora e que o bom Deus o proteja.”(GRIMM, 2012, p.60). O abandono tecido nesta parte da narrativa converge ainda para o aspecto de proteção associado ao arquétipo da mãe. Se o nascimento de uma menina traria o nefasto destino prometido pelo rei a seus filhos, restava a ela a confiança na grande Mãe natureza “A floresta”, provisão do “bom Deus.”



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A rainha, na narrativa, dá à luz a uma menina, uma princesa. Esta, ao saber da existência dos irmãos e o motivo que os fizeram fugir, faz a travessia do palácio para a floresta. Nesse sentido o *animus* da princesa a impele viver sua condição de heroína. Conforme corrobora Assis (2011), o herói ou heroína é levado para longe de sua terra e marca a entrada do personagem no mundo mágico.

Em busca do seu desafio, como é próprio ao herói, ela precisa vencer obstáculos, que concerne a toda batalha. Existia para ela uma sentença de morte, anunciada desde seu nascimento, pelos os próprios irmãos, arquétipo da relação fraternal, no qual a experiência da alteridade é inquietante, nesse caso, marcada pela obrigação de exílio destes. Eles tiveram que fugir, por que ela ia nascer. Certamente, havia uma ferida profunda nessa relação de irmandade. Contudo, na narrativa fica claro que no encontro com o mais novo dos irmãos, a princesa consegue realizar sua conquista. Sua reação evidencia o contato com *animus*, utilizando-se de sua “capacidade de exercer o poder, de controlar situações e de defender posições”. Michele (2013, p.3). Nesse sentido, o narrador destaca que implora a princesa ao irmão: “Senhor, por favor, me deixe viver, eu ficarei morando aqui só para servi-los honestamente. Vou cozinhar para vocês e cuidar da casa.” (GRIMM, 2012, p.62). A contenda é negociada pela a princesa de forma objetiva. O que é aceito.

Por fim, temos nos seus irmãos o domínio da *anima*, “desvitalizando essas personagens, que se tornam vulneráveis à emoção que as domina.” (IDEM, 2013, P,3). Prevalece o arquétipo do irmão, em sua configuração positiva. Eles aceitam a presença da irmã como cuidadora. Talvez também haja a necessidade de retornar ao reino maternal, interrompido abruptamente pela tirania do rei, o que pode se tornar efetivo a partir dos cuidados, do aconchego da irmã. O papel de cuidadora para a princesa, aceito pelos os irmãos, não está envolto a questão de subserviência ou submissão, e sim dessa necessidade. Ademais, com aquela possibilidade a relação de irmandade pode se iniciada, se tornando possível uma



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

convivência de companheirismo, de aceitação, de lealdade que releve as antigas hostilidades e disputas em decorrência da posição tirânica do rei.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Os Doze Irmãos*, ora analisado na perspectiva de observar as configurações arquetípicas do masculino e feminino através de alguns de suas personagens, marca alguns aspectos presentes na sociedade de estrutura patriarcal: A soberania do masculino, algumas vezes revelada em tirania; a obediência e submissão do feminino. Contudo, nesse solo de categoria ficcional ora estudado, percebe-se que afirmar que o masculino é detentor do poder e ao feminino cabe uma postura de subserviência, é tentar enquadrar os papéis sociais dentro de uma visão limitada, como também é uma maneira estereotipada de observar os gêneros. Percebemos que nas personagens analisadas, essas configurações estavam sim, relacionadas com a questão da harmonia entre o *anima* e o *animus*, e não necessariamente à questão de estereótipos do masculino e feminino.

REFERÊNCIAS

JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

JUNG, Emma. Animus e anima. São Paulo: Cultrix, 2006.

Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. - http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_3098.pdf - autora Regina MICHELLI

MOORE, Robert, GILLETTE, Douglas. Rei, guerreiro, mago, amante. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

PERNOUD, Régine. Luz sobre a Idade Média. Mira-Sintra: Europa-América, 1981.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FRANZ, Marie-Louise Von. O processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NEUMANN, E. A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. São Paulo : Cultrix, 1974

COELHO, Nelly Novaes : história, teoria análise. 4ed. São Paulo: Quíron, 1987R

GRIMM, Jacob, GRIMM, Wilhelm. Contos maravilhosos infantis e domésticos (1812-1815). Ilustrações J. Borges, trad. Christine Röhrig e apresentação Marcus Mazzari. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paz e Terra, 1980.